

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Muse*

Autora: *Jessie Burton*

Copyright © Peebo & Pilgrim Ltd. 2016

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Manuela Madureira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Ilustração da capa: *Lisa Perrin*

Design: *Ami Smithson* (Picador Art Department)

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, junho, 2017

Depósito legal n.º 426 656/17

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Nunca mais uma história será contada
como se fosse a única.*

JOHN BERGER

I

COUVES E REIS¹



¹ *Cabbages and Kings* é uma obra de O. Henry, que foi buscar o título a um poema de Lewis Carroll em *Alice do Outro Lado do Espelho*. (NT)

Junho
1967



1

Nem todos nós recebemos o fim que merecemos. Muitos dos momentos que alteram o curso de uma vida — uma conversa com um estranho num navio, por exemplo — são pura sorte. E, todavia, ninguém nos escreve uma carta, ou nos escolhe como confessor, sem uma boa razão. Foi isto que ela me ensinou: temos de estar preparados para termos sorte. Temos de colocar as nossas peças em jogo.

Quando chegou o meu dia, estava tanto calor que as minhas axilas haviam traçado luas na blusa que a sapataria fornecia a cada empregada. — Não interessa o tamanho — disse a mulher, enxugando-se com um lenço. Eu tinha os ombros doridos e os dedos esfolados. Fixei-a: a transpiração pusera-lhe os pelos claros das sobrancelhas da cor de um rato molhado. O calor londrino: nunca tem para onde ir. Eu não sabia, mas aquela mulher era o último cliente que teria de servir.

— Perdão?

— Acabo de *dizer* — suspirou a mulher. — Serve qualquer tamanho.

Eram quase horas de fechar, o que significava que todo o esfarelado de peles secas — geleia de dedos dos pés, como nós lhe chamávamos — teria de ser aspirado da alcatifa. A Cynth costumava dizer que nós poderíamos moldar um pé completo com aqueles fragmentos, um monstro capaz de dançar a sua própria jiga. Ela gostava do seu trabalho na Dolcis Shoes, e arranjava-me o lugar, mas uma hora depois de termos entrado já eu ansiava pela frescura do meu quarto, os meus blocos de apontamentos baratuchos, o meu lápis que aguardava junto da cama estreita. — Pequena, tens de *animar* essa cara — sussurrava a Cynth. — Ou trabalhas na agência funerária aqui do lado?

Dirigi-me ao armário onde se guardavam as caixas, um local para onde me escapava frequentemente, dado estar já imune ao seu nocivo cheiro a solas de borracha. Pensei ir até lá e gritar em silêncio para a parede coberta de caixas.

— Espere! Ei, espere — chamou-me a mulher. Quando teve a certeza de haver captado a minha atenção, curvou-se e descalçou o seu gasto sapato raso, revelando um pé sem dedos. Nem um único. Um coto liso, um bloco de carne repousando inocentemente na alcatifa desbotada.

— Vê — disse ela com voz desanimada ao descalçar o segundo sapato para revelar idêntico estado. — Eu limito-me... a encher as pontas com papel, por isso não importa o tamanho que me traga.

Era uma visão e tanto e nunca a esqueci: a inglesa que me mostrou os seus pés sem dedos. Na altura, talvez tenha sentido repulsa. Costumamos dizer que os jovens têm pouco contacto com a fealdade e não aprenderam a disfarçar o choque. Na realidade eu não era assim tão jovem, tinha vinte e seis anos. Não sei o que fiz nesse momento, mas recordo-me de contar a Cynth, no caminho de regresso ao apartamento que partilhávamos perto de Clapham Common, e de ela ter soltado uma exclamação de deliciado horror à ideia daqueles pés sem dedos. — O Monstro dos Cotos! — gritou ela. — Veio apanhar-te, Delly! — E depois, com um otimismo pragmático: — Pelo menos ela usa qualquer sapato que queira.

Talvez aquela mulher fosse uma bruxa vinda para anunciar a mudança no meu caminho. Eu não acredito nisso; foi uma mulher diferente que o fez. Mas a sua presença parece constituir de facto um fim macabro para esse capítulo da minha vida. Terá ela visto em mim uma vulnerabilidade semelhante? Ocuparíamos, ela e eu, um espaço em que a nossa única opção era encher o vazio com papel? Ignoro. Resta a ténue possibilidade de tudo o que ela queria ser um par de sapatos novos. E, contudo, eu penso sempre nela como algo saído de um conto de fadas, porque foi nesse dia que tudo mudou.

Durante os últimos cinco anos, desde que viera de Port of Spain para Inglaterra, tinha-me candidatado a muitos outros lugares, sem qualquer resposta. Quando o comboio de Southampton entrou

a roncar em Waterloo, a Cynth confundiu as chaminés das casas com fábricas, a promessa de muito trabalho. Foi uma promessa que se revelou mais difícil de realizar. Eu fantasiava-me frequentemente a deixar a Dolcis, e chegara até a candidatar-me a trabalhar como empregada do chá num jornal nacional. Lá na terra, com a minha licenciatura e a minha presunção, nunca teria sonhado em servir chá a quem quer que fosse, mas a Cynth dissera: — Uma rã zarelha e totalmente surda era capaz de desempenhar esse lugar e no entanto eles não to darão, Odelle.

A Cynth, que andara comigo na escola e com quem eu viajara para Inglaterra, andava louca com duas coisas: sapatos e o noivo, Samuel, que conhecera na igreja local, perto de Clapham High Street. (Sam revelara-se um extraordinário bônus, dado que aquilo achava-se normalmente cheio de tias velhotas que nos falavam dos bons velhos tempos.) Devido a tê-lo encontrado, a Cynth não se impacientava como eu, e isso podia ser uma fonte de tensões entre nós. Eu afirmava frequentemente que era incapaz de suportar mais aquilo, que não era como ela, e a Cynth comentava: — Oh, porque eu sou um carneiro e tu és tão *inteligente*?

Eu telefonara a responder a imensos anúncios que afirmavam não ser essencial ter experiência, e as pessoas pareciam tão simpáticas, mas depois eu aparecia e, milagre, milagre!, todos os lugares já tinham sido ocupados. E, no entanto, chamem-lhe loucura, chamem-lhe a minha procura por uma herança justa, eu continuava a candidatar-me. O último, e o melhor que já vira, era para um lugar de datilógrafa no Skelton Institute of Art, um local com colunas e pórticos. Eu até o visitara uma vez, no meu sábado de folga mensal. Levava o dia a vaguear pelas salas, passando de Gainsborough a Chagall, via águas-tintas de William Blake. No comboio de regresso a Clapham, uma garotinha fixara-me como se eu fosse uma pintura. Os seus dedos esticaram-se e esfregaram-me a orelha, e ela perguntou à mãe: — Aquilo sai? — A mãe não a repreendeu: tinha o ar de quem o que mais queria era que fosse a orelha a dar a resposta.

Eu não disputara com os rapazes a obtenção de uma licenciatura em Literatura Inglesa da Universidade das Antilhas para

nada. Não suportara o beliscão de uma criança na carruagem de um comboio para nada. Na minha terra, o próprio Consulado britânico me concedera o primeiro prémio para Estudantes da Commonwealth pelo meu poema «Caribbean Spider-Lily». Lamento, Cynth, mas não vou ficar a enfiar sapatos em doces Cinderelas durante o resto da minha vida. Houve lágrimas, claro, a maioria soluçadas na minha almofada amachucada. A pressão do desejo coagulado dentro de mim, de que eu sentia vergonha e todavia me definia. Eu queria fazer coisas mais importantes, e já esperara cinco anos. Entretanto, escrevia poemas de vingança acerca do clima inglês e mentia à minha mãe afirmando que Londres era o paraíso.

A carta achava-se no tapete quando eu e a Cynth chegámos a casa. Descalcei os sapatos e fiquei petrificada no vestíbulo. O carimbo era de Londres W.1, o centro do mundo. Os mosaicos vitorianos sob os meus pés nus estavam frios; retesei os dedos sobre o castanho e o azul. Enfiei o indicador sob a borda do sobrescrito, levantando-a como uma folha partida. Era o timbre do Skelton Institute.

— E então? — disse a Cynth.

Não respondi, uma unha comprimindo o relevo floral do papel de parede *Anaglypta* do nosso senhorio, enquanto lia até ao fim em estado de choque.

The Skelton Institute
Skelton Square
Londres W.1

16 de junho de 1967

Cara Miss Bastien,
Obrigada pelo envio da sua carta e curriculum vitae.

Prosperar, sejam quais forem as circunstâncias que a vida nos apresenta, é tudo o que qualquer pessoa pode esperar. A menina é claramente uma jovem com grande capacidade, amplamente armada. Assim sendo, tenho o maior prazer em a convidar para uma semana de experiência como datilógrafa.

Há muito para aprender, e a maior parte deverá ser aprendida sozinho. Se tal arranjo lhe convier, agradeço que me informe na volta do correio se a oferta será aceite e partiremos daí. O salário inicial são £10 p/s.

Com os melhores cumprimentos,

Marjorie Quick

£10 por *semana*. Na *Dolcis*, ganhava apenas seis. Quatro libras fariam um mundo de diferença, mas nem sequer era pelo dinheiro. Era porque ficava um passo mais perto daquilo que me tinham ensinado serem Coisas Importantes: cultura, história, arte. Vinha assinada a tinta preta grossa, e o «M» e o «Q» eram extravagantes, quase de uma grandeza italianizante. A carta cheirava levemente a um perfume distinto. Estava um pouco dobrada nos cantos, como se aquela Marjorie Quick a tivesse deixado na mala durante alguns dias antes de finalmente decidir pô-la no correio.

Adeus sapataria, adeus trabalho pesado e enfadonho. — Fui aceite — sussurrei para a minha amiga. — Eles querem-me. Fui aceite, caramba!

Cynth soltou um grito e abraçou-me. — Fixe!

Soltei um soluço. — Conseguiste. *Conseguiste* — continuou ela, e eu respirei o seu pescoço como ar após uma tempestade em Port of Spain. Ela pegou na carta e comentou: — Que espécie de nome é Marjorie Quick²?

Eu sentia-me demasiado feliz para responder. Crava a unha nessa parede, Odelle Bastien; desfaz essa flor de papel. Mas pergunto-me, dado o que aconteceu, os problemas a que conduziu, voltarias a fazê-lo? Apresentar-te-ias às oito e vinte e cinco da manhã de segunda-feira, 3 de julho de 1967, a ajustar aquele teu novo chapéu, os pés movendo-se nos teus sapatos *Dolcis*, para trabalhar no Skelton por £10 por semana, para uma mulher chamada Marjorie Quick?

Sim, fá-lo-ia. Porque eu era Odelle e Quick era Quick. E pensar que temos um segundo caminho é ser louco.

² Quick pode significar «sabugo» (usado como substantivo) ou «rápido», «veloz» (adjetivo). (NT)

Imaginara-me a trabalhar num átrio repleto de datilógrafas a matraquear, mas estava sozinha. Muitos dos funcionários encontravam-se ausentes, supus, gozando as suas férias anuais em lugares exóticos como a França. Todos os dias subia os degraus de pedra em direção às grandes portas do Skelton, em cujos painéis se achava inscrito, em letras douradas, ARS VINCIT OMNIA³. Com as mãos apoiadas no *vincit* e no *omnia*, empurrava-os para penetrar num local que cheirava a couro antigo e madeira polida, onde imediatamente à minha direita havia uma longa secretária de receção com uma parede de cacifos assomando atrás, já cheios com o correio da manhã.

A vista da sala que me fora destinada era horrível: uma parede de tijolo que a sujidade manchava de negro e uma longa queda quando se olhava para baixo. Via um beco, onde porteiros e secretárias do edifício vizinho se alinhavam para fumar. Nunca consegui ouvir as suas conversas, apenas observar-lhes a linguagem corporal, o ritual de uma palmadinha num bolso, cabeças unidas como num beijo quando se empunhava o cigarro e o isqueiro acendia, uma perna coquetemente dobrada para trás contra a parede. Era um local escondido.

Skelton Square ficava entalada por trás de Piccadilly, do lado do rio. Aí situada desde o reinado de Jorge III, fora afortunada durante o Blitz. Para lá dos telhados podiam ouvir-se os sons de Circus; motores de autocarros e buzínadelas de automóveis, os pregões

³ A Arte Vence Tudo. (NT)

agudos dos leiteiros. Havia uma falsa sensação de segurança num lugar destes, no coração do West End de Londres.

Durante quase toda a primeira semana, a única pessoa com quem falei foi uma rapariga chamada Pamela Rudge. Pamela era a rececionista e estava sempre na sua secretária, a ler o *Express*, cotovelos apoiados na madeira, pastilha elástica a estalar na boca antes de os chefões chegarem e ela a atirar para o caixote do lixo. Com uma leve sugestão de sofrimento, como se lhe tivessem interrompido uma atividade difícil, dobrava o jornal como se fosse um delicado pedaço de renda e levantava os olhos para mim. — Bom dia, Adele — dizia ela. Pam Rudge, de vinte e um anos, era a última de uma longa linha de East Enders⁴, um rígido penteado alto com laca até à ponta dos cabelos e *eyeliner* preto suficiente para pintar cinco faraós.

Rudge vestia à moda e era ostensivamente sexual. Eu cobiçava o seu minivestido verde-menta, as suas blusas de laçada em tons de laranja carregado, mas não tinha a confiança necessária para mostrar assim o meu corpo. O meu estilo encontrava-se totalmente encerrado na minha cabeça. Cobiçava as cores dos seus batons, do seu *blush*, mas os pós e cremes ingleses transportavam-me a estranhas zonas cinzentas em que eu parecia um fantasma. Na secção de maquilhagem da Arding & Hobbs, na Junction, eu encontrava coisas intituladas «Nu Leitoso», «Louro Milho», «Botão de Alperce», «Salgueiro Branco» e tanta outra má poesia facial.

Decidi que Pamela era o tipo de pessoa cuja ideia de uma boa saída à noite era empanturrar-se com chourição em Leicester Square. Gastava provavelmente o seu salário em laca para o cabelo e romances cor-de-rosa, mas era demasiado estúpida para os ler sequer. Talvez eu tenha transmitido alguns destes pensamentos, porque Pamela, por sua vez, continuava a arregalar os olhos de surpresa ao ver-me todos os dias, como que atónita com a minha audácia por perseverar em regressar, ou expressava um tédio comatoso à vista da minha cara. Por vezes nem sequer erguia

⁴ Habitantes do East End de Londres. (NT)

os olhos quando eu levantava a aba da secretária da receção e a deixava cair com um ligeiríssimo baque mesmo ao nível do seu ouvido direito.

A Cynth disse-me uma vez que eu ficava melhor de perfil, e eu respondi que isso me fazia parecer uma moeda. Mas agora leva-me a interrogar-me acerca dos meus dois lados, a impressão altaneira que provavelmente dava a Pamela e os trocos de mim própria que ainda ninguém embolsara. A verdade era que me sentia muito rígida perante uma rapariga como Rudge.

Ela não conhecia mais *pretos*, disse-me na quinta-feira dessa primeira semana. Quando lhe respondi que também não conhecia nenhum por esse nome até ter ido para ali, pareceu completamente perplexa.

Mas, apesar da dança provocante com Pamela, eu sentia-me extática por ali estar. O Skelton era o Paraíso, era Meca e Pemberley⁵; o melhor dos meus sonhos realizado. Uma sala, uma secretária, uma máquina de escrever, Pall Mall de manhã enquanto vinha de Charing Cross, uma alameda de luz dourada.

Um dos meus trabalhos era transcrever notas de investigação para académicos que nunca via, excetuando a sua quase indecifrável letra, em rabiscos acerca de esculturas de bronze ou conjuntos de gravuras em linóleo. Eu gostava disso, mas a minha tarefa principal concentrava-se numa bandeja em cima da minha secretária que era cheia de cartas para eu datilografar e deixar ficar lá em baixo, com a Pamela. A maior parte das vezes eram bastante mundanas, mas de vez em quando apanhava uma pérola, uma carta mendigando a algum velho milionário ou decrépita Lady Qualquer Coisa que estava a dar as últimas. «Meu caro Sir Peter, foi um enorme prazer identificar o Rembrandt que tinha no seu sótão em 1957. Consideraria usar o Skelton para ajudar a catalogar o resto da sua maravilhosa coleção?», e assim por diante. Cartas para financeiros e magnatas do cinema, informando-os de que

⁵ Pemberley é o nome da propriedade de Mr. Darcy, herói do romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen. (NT)

andava por aí um Matisse, ou se gostariam de ter uma nova sala do Skelton com o seu nome, desde que a pudéssemos encher com as suas obras de arte?

Eram essencialmente escritas pelo diretor do Skelton, um homem chamado Edmund Reede. Pamela contou-me que Reede andava pelos sessenta anos e possuía mau génio. Durante a guerra, tivera algo a ver com a recuperação de arte confiscada pelos nazis, mas ela não sabia mais nada. Para mim, o nome «Edmund Reede» evocava um inglesismo intimidante, quintessencial, clientes de Savile Row em clubes de Whitehall; comer bifes e caçar raposas. Fatos com colete, cabelo com brilhantina, o relógio de ouro do tio-avô Henry. Via-o pelos corredores e ele parecia sempre surpreendido. Era como se eu tivesse entrado ali nua, vinda da rua. Nós estudáramos homens como ele na escola, cavalheiros protegidos, cavalheiros ricos, cavalheiros brancos, que pegavam em canetas e escreviam o mundo para o resto de nós ler.

O Skelton era um pouco como esse mundo, o mundo em que eu fora ensinada a querer estar, e só por datilografar as cartas sentia-me mais perto de tudo isso, como se a minha ajuda no assunto fosse inestimável, como se eu tivesse sido escolhida por uma razão. E o melhor era que eu escrevia com rapidez. Portanto, uma vez terminadas as cartas deles, usava uma hora vaga aqui e ali para datilografar o meu próprio trabalho, recomeçando interminavelmente, amarrotando folhas de papel e certificando-me de que as metia na mala em lugar de as deixar em evidência no cesto dos papéis. Por vezes, ia para casa com a mala atafalhada de bolas de papel.

Contei a Cynth que esquecera o cheiro do armário de armazenagem da Dolcis. — É como se uma semana tivesse matado cinco anos — disse eu, determinada e poética acerca da minha transformação. Falei-lhe de Pamela, troçando da rigidez do seu penteado alto. Cynth fez uma pausa, de testa franzida, pois estava a estrelar-me um ovo no nosso minúsculo apartamento e o fogão não era fiável.

— 'Tou satisfeita por ti, Delly — disse ela. — 'Tou satisfeita por tudo ir tão bem.

Na sexta-feira da primeira semana, completadas as cartas de Reede, eu debatia-me com um poema numa meia hora de sossego. A Cynth dissera-me que a única coisa que queria como prenda de casamento era «qualquer coisa escrita, visto tu seres a única pessoa capaz disso». Comovida mas angustiada, fixava a máquina de escrever do Skelton, pensando em como o Sam e a Cynth claramente se faziam felizes um ao outro. Isso levou-me a pensar na minha própria falha: o pé, mas nada de sapatinho de cristal. Levou-me igualmente a tomar consciência de que andava há meses a debater-me com a minha escrita. Odiava todas as palavras que me saíam. Não conseguia deixar que nenhuma delas respirasse.

Precisamente quando me surgia uma possível frase, entrou uma mulher. — Olá, Miss Bastien — disse ela e a ideia desvaneceu-se. — Isso vai? Deixe-me apresentar-me. Sou Marjorie Quick.

Levantei-me, derrubando a máquina de escrever com a pressa, e ela riu-se. — Isto não é o exército, sabe. Sente-se. — O meu olhar voou para o poema no carroto e senti um aperto no estômago só de pensar que ela podia dar a volta e vê-lo.

Marjorie Quick veio direita a mim, de mão estendida, os olhos rasando a máquina. Apertei-lhe a mão, desejando com todas as minhas forças que ela permanecesse do outro lado da secretária. Foi o que aconteceu, e eu notei o cheiro de cigarro colado a ela, mesclado com um perfume masculino, almiscarado, que reconheci da carta que ela enviara, e que mais tarde soube chamar-se *Eau Sauvage*.

Marjorie Quick era de pequena estatura, apumada, e vestia de uma forma que eclipsava os esforços de Pamela. Calças pretas largas que, quando ela andava, ondulavam como as de um marinheiro. Uma blusa de seda rosa-pálido, com um lenço de cetim cinzento displicentemente enfiado por dentro. Parecia saída de Hollywood, com os seus curtos caracóis prateados e as maçãs do rosto que dir-se-iam esculpidas numa requintada madeira macia. Podia ter cinquenta e poucos anos, supus, mas não se assemelhava a nenhuma mulher dessa idade que eu já conhecera. A sua linha do queixo era firme e tinha uma aura de *glamour*.

— Olá — disse eu. Não conseguia deixar de a fitar.

— Algum problema? — Quick parecia sentir o mesmo, fixando em mim as suas cristalinas íris negras à espera da minha resposta. Reparei que se mostrava algo afogueada, com uma gota de transpiração na testa.

— Problema? — repeti.

— Bom. Que horas são? — O relógio encontrava-se atrás dela, mas ela não se virou.

— Quase meio-dia e meia.

— Então vamos almoçar.